

De minha convidada

Paulo Henrique Pereira¹

¹ Médico formado pelo curso de Medicina (Florianópolis) da Universidade Federal de Santa Catarina em 2017.2.

Submetido em 29 de julho de 2018.

Aprovado em 30 de julho de 2018.

Contato do autor: paulohe.pereira@gmail.com

Nota do editor: “Cenas Médicas” (www.facebook.com/cenasmedicas) é a apresentação de um movimento literário que registra contos do cotidiano médico, com dois autores do curso de Medicina da UFSC: Fernando Bueno Neves e Paulo Henrique Pereira. Deste último é o trecho publicado nesta edição do “Boletim”. Um doutorando está sonolento em seu plantão de emergência cirúrgica...

Era, acredito, por volta de 1 da manhã. Meu turno não terminaria ainda por duas outras horas, e a fadiga das últimas 12 já cobrava seu preço. Deixava seu rastro nas descrições malfeitas dos últimos atendimentos, escritas à mão, a letra tornando-se menos compreensível à medida que o sono aumentava e a paciência acabava.

Alguém bateu à porta, e levantei a cabeça com tempo suficiente para fingir que estava escrevendo. Um homem com a farda do corpo de bombeiros, reconhecível pelas listas de cor amarela berrante, abriu timidamente a porta, sua própria maneira de fingir não estar interrompendo inoportuno um atendimento médico. Entendemo-nos.

“Doutor?”

“Oi?”. Pigarreei, esfreguei os olhos e coloquei meus óculos. O que mata é as pequenas horas da noite.

“Trouxemos um jovem, queda de moto”. Ele tinha um braço fraturado e traumatismo crânio-encefálico importante - sangrava pelo ouvido. Seu pulso aumentado me dizia que sangrava por qualquer lugar, e um hematoma em região de escroto me dizia que este lugar era a pelve.

Profissionais correndo de um lado a outro carregaram os próximos minutos nas costas, tanto mais rápido quanto podiam, auxiliados pela vontade do escritor de deixar de fora os detalhes dispensáveis e chegar, enfim, à minha desonra.

Enquanto entrava em contato com as especialidades cabíveis à situação, a enfermeira de plantão me chama. “Paulo, o paciente não para de se mexer na tomografia”. Levantei-me. Precisava do exame. Eu e o paciente dependíamos dele.

Fui até a sala onde ficava o tomógrafo. Agitado e confuso, o paciente se mexia sobre a mesa. Sedá-lo não era uma opção. Seu estado era resultado do trauma em sua pelve, que babava sangue mesmo imobilizada. A reposição volêmica com fluido cristalino não resolveria a situação. Como dizia um colega, apenas sal e água não carregam oxigênio, e oxigênio era o que seu cérebro precisava.

Levantei a voz. Disse que poderia morrer se não parasse de se mexer. Assustei-o a ponto de trazê-lo de volta à minha presença, onde um homem cansado de cara fechada ameaçava-lhe a vida enquanto tentava salvá-lo. E pelos próximos cinco minutos, até que o procedimento estivesse completo, a ameaça de sua perdição manteve-o em consternada paralisia. Do outro lado do vidro, o barulho da máquina me diminuía, escondendo minha vergonha de ameaçar um homem em sofrimento, já que não sabia nem podia fazer melhor. Disse para mim mesmo que não tinha opções.

Fui eu o responsável por dar a notícia e as explicações ao seu pai. Assegurei que todos os procedimentos haviam sido tomados dentro dos conformes. Pouco depois, o paciente foi levado para fora do departamento de emergência.

Quantos haveriam ouvido minhas ameaças? O que pensaram ao ver-me gritando com um moribundo, ameaçando sua agonizante consciência, eu não fazia ideia. Mais de uma vez, jurei ouvir minha convidada sofrível rindo, chacoteando minhas preocupações.

Vi seu pai mais uma vez, antes do fim. Era manhã, e meu turno havia acabado há algumas horas. Os raios de sol enviesados, típicos daquele começo de inverno, atingiam preguiçosos o hospital que nunca dormia. Ao sair, vi ao longe pai e noiva abraçados, chorando sentados no banco, imóveis na manhã fria. Pequeno, estiquei o casaco sobre os ombros e andei calado em direção ao carro. Ao passar em frente ao hospital, vi minha convidada sofrível acenando para mim, dando-me um adeus acalorado, enquanto envolvia-os com um braço longo e invisível.

Ninguém escuta as histórias de um homem morto. O pai enterraria o filho à tarde, e com ele, minha vergonha, enquanto eu levava minha parte da história para longe dali.

O “Boletim” quer publicar seu trabalho!

Disponível na plataforma Open Journal Systems e registrado no ISSN, o “Boletim” deseja receber e publicar artigos originais, artigos de revisão, resenhas de artigos científicos e relatos de caso produzidos pelos alunos do curso de Medicina, professores, preceptores e médicos residentes, tanto na UFSC quanto nas diversas unidades de saúde em que ocorrem atividades dos alunos do Curso.

Acesse o “Boletim” em

<http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/medicina>

e submeta seu trabalho para publicação. Contatos também podem ser feitos por e-mail através de medicina@contato.ufsc.br ou ao editor em fabricao.souza.neves@ufsc.br